

4

A Trajetória de Cristo para a Realização Plena da Vida Humana

Nas linhas essenciais de sua pedagogia revelativa, Jesus, antes de tudo, é um mestre a ser seguido, ou seja, Ele pede para ser seguido.³⁴⁰ Logo, as primeiras formas que as quais Jesus se propõe são compreensíveis e aceitáveis pelo povo, pois contêm uma implicação, entretanto, as pessoas não o percebem. Quando Jesus disse a André e João: "vinde e vede" (cf. Jo.1, 39) foi direto, simples e claro, fez um convite que podiam compreender muito bem – "Vinde comigo".

"Tentemos projetar-nos agora trinta anos depois daquele primeiro instante, quando os discípulos, espalhados em todo o mundo conhecido àquela época, começavam a dar origem a uma realidade totalmente nova. Ao refletir em tudo que desde então lhes havia acontecido, evocando aquele passado, que enorme significado adquiria agora aquela primeira palavra 'segue-me'! Mas no momento em que o ouviram, o seu conteúdo total e profundo não podia ser percebido".³⁴¹

4.1

O Caminho de Cristo com o Homem

Pe. Giussani propõe aqui uma analogia com uma experiência comum entre os homens - para falar de Cristo essas, analogias fazem parte de seu método para explicar os pontos a serem estudados em seus textos.

"Uma pessoa encontra-se com outra destinada a ter um significado decisivo em sua vida: se depois de vinte ou trinta anos repensa aquela primeira ocasião, ficará impressionada ao perceber o significado oculto de um certo momento da existência, há de maravilhar-se ao reconhecer o conteúdo de uma fração de instante que havia de tomar a forma de um encontro, conteúdo que depois a história fará aos poucos emergir e que o tempo tomará manifesto".³⁴² (ou) À medida que o tempo passa, Jesus vai tomando o seu chamado mais grave". O chamado a segui-Lo não se identifica somente com a prontidão em reconhecê-Lo e se este é merecedor de confiança, mas se liga à necessidade de "renunciar a si mesmo" (Cf. Mt.10,39).³⁴³

Assim, Jesus pede aos discípulos que O sigam mesmo à custa de se

³⁴⁰É importante citar, como pano de fundo e referência para esta frase, um artigo de Pe. Giussani para a Assembléia Internacional dos Responsáveis de Comunhão e Libertação em La Thuile, Itália, em 30 de agosto de 1995. Cf. publicado com o título "**A Fé é um Caminho do Olhar**", in *Litterae Communio*, n.º.37, 1995, pp.25-34. E também um trecho da obra "**Estilos Eclesiásticos**", op., cit., p. 45.

³⁴¹GIUSSANI L., OPC, op., cit., p. 89.

³⁴²Ibid, ibidem, p.89.

³⁴³Ibid, pp.90-91.

separar daquilo que é deles, como, por exemplo, a vida com a família ou os bens que possuíam. Isto era o elemento de diferença, o que se chama de "estranheza", entre os outros rabinos, mas uma diferença não excessiva. O sentido profundo da renúncia que Jesus propunha, a renúncia a "si mesmo" como critério, está destinado a aparecer mais tarde no ânimo de quem O seguia. Ele não pretendia apenas que O seguissem separando-se daquilo que possuíam, mas que fossem "os seus" diante da sociedade. Ele pede que o sigam também exteriormente, ou seja, socialmente (dando testemunho) e afirma que disso depende o valor do homem: a salvação ("Quem me reconhecer diante dos homens, eu também reconhecerei diante do meu Pai que está nos céus; mas quem me renegar diante dos homens, eu também o renegarei diante do meu Pai que está nos céus..." – cf. Mt 10,32-33).

Portanto, nenhum relacionamento é completo e verdadeiro se não tem a força para se manifestar socialmente. Pe. Giussani cita este exemplo:

"Se uma jovem está ligada a um rapaz há algum tempo e em certo momento lhe diz, talvez sob a pressão dos pais, 'venha à minha casa, quero lhe apresentar', e o rapaz responde com rodeios dizendo: 'não, esperemos mais um pouco', e hesita em deixar claro o relacionamento até com os amigos, a jovem se sentirá, com razão, insegura e pouco à vontade. Com efeito, enquanto um sentimento ou um relacionamento não tiver força tal a ponto de enfrentar o olhar da sociedade, de afinar-se diante dos outros, não será possível se chegar a dizer que o sentimento ou o relacionamento seja seguramente verdadeiro".³⁴⁴

Por isso, Cristo exprime esta trajetória com insistência: *seguí-Lo. Seguí-Lo* até o ponto de saber abandonar aquilo que se tem por pessoal (a necessidade de uma renúncia) e estar com Ele diante de todos, caso ao contrário não seria plenamente uma adesão a Ele, mesmo quando uma pessoa tivesse aceitado separar-se de tudo o mais. Retomando o exemplo daquele jovem acima descrito:

"Ele pode descuidar de seus interesses e também de suas relações mais familiares para ficar junto da sua namorada, mas isso não será ainda o sinal de que aquele relacionamento é seguro. De fato, ele pode ao mesmo tempo não querer ainda que aquele relacionamento seja socialmente afirmado, ao passo que um sentimento

³⁴⁴GIUSSANI, L., OPC, pp. 90-91.

humano tem como sinal extremo de verdade o 'diante' da sociedade, o 'aos olhos de todos'".³⁴⁵

Este exemplo descrito constitui como que um primeiro aspecto do relacionamento de Jesus com os seus. Ele dá a um simples chamado, um significado, um âmbito mais profundo. Este ponto no relacionamento está destinado a causar grande impressão em quem O segue de perto. Pois Jesus começa a usar insistentemente a fórmula "por causa de mim", E segundo, Pe. Giussani:

"Vão se despiando, pouco a pouco, os fatores antes tidos como primordiais para estabelecer uma identidade, ao mesmo tempo em que vai se delineando- uma identidade nova, um outro rosto. É aí que é válido aquilo que se faz, não porque se sinta e se julgue que o seja, mas porque passa a ser feito por e para Ele".³⁴⁶

A expressão evangélica "por causa de mim" é a palavra capital que demonstra a nova etapa deste relacionamento, pois deve-se levar em conta que, agindo "por causa d'Ele", a pessoa corre o risco de poder entrar em contraste com a mentalidade predominante e conseqüentemente cair em ostracismo na sociedade. No décimo capítulo do Evangelho de São Mateus, quando Jesus envia os doze a pregar nos vilarejos e lhes dá instruções, fica evidente para nós, esse segundo momento do seu método educativo.³⁴⁷ Pois a expressão "por causa de mim" mostra sim o fato de que Jesus dá mais um passo e começa a colocar a sua pessoa no centro da afetividade e da liberdade dos apóstolos, pois sua vida é ser a vontade do Pai e o Pai é o grande centro dessa afetividade e liberdade. E isso se torna mais pungente uma vez que Ele se coloca nem mais nem menos como o modelo dos afetos mais íntimos do próprio homem. Essa pretensão se dá ao passo que Ele faz a

³⁴⁵ GIUSSANI, I., Ibidem, p.91.

³⁴⁶ Ibid, ibidem.

³⁴⁷ "Mas se alguém não vos recebe e não dá ouvidos às vossas palavras, saí daquela casa ou daquela cidade e sacudi o pó de vossos pés. Em verdade vos digo: no Dia do julgamento haverá menos rigor para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade. Eis que eu vos envio como ovelhas entre lobos. Por isso sedes prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas. Guardai-vos dos homens: eles vos entregarão ao sinédrio e vos flagelarão nas suas sinagogas. E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as nações. (...) O irmão entregará o irmão à morte, e o pai entregará o filho. Os filhos se levantarão contra os pais e os farão morrer. E sereis odiados por todos por causa do meu nome (...). Não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor. Basta que o discípulo se tome como o mestre e o servo como o seu senhor. Se chamaram belzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares! (...) O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia; o que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados: o (Cf. Mt.10, 14-18.21-22a.24-25-27).

vontade do seu Pai, em que Ele é a própria da realização da vontade do Pai (cf. Mt. 12, 46-50). Giussani comenta:

"Ele (Jesus) coloca a própria pessoa como alternativa aos sentimentos naturais, ainda que a palavra 'alternativa' seja de escassa adequação: justifica apenas o primeiro impacto com essa atitude de Jesus. Deveríamos dizer. Ele coloca sua própria pessoa no centro dos sentimentos naturais, coloca-se de pleno direito como a sua verdadeira raiz" (Cf. Mt. 10,34-37.39).³⁴⁸

A liberdade do homem é muito mais claramente verificada na experiência das relações com o que lhe pertence do que diretamente consigo mesmo. Pois o homem aceitaria mais facilmente perder-se que perder a pessoa amada. Jesus se coloca no centro dessas relações, como no coração que lhes dá origem, sem o qual não teriam vida. E esse é o ponto de partida da hostilidade contra Ele. Enquanto Ele se diz "Mestre" e pede pra ser "seguido", as pessoas podem reconhecê-Lo, acompanhá-Lo ou não, e ainda há espaço para a mera indiferença; mas quando a proposta se esclarece como uma pretensão de entrar no domínio da nossa liberdade, ou O aceitamos com amor, ou O recusamos com hostilidade.³⁴⁹

Justamente por causa desse seu modo de se propor, começou a nascer uma hostilidade, desencadeou nas reações uma hostilidade contra Ele, pois Ele coloca em cena a centralidade de uma pretensão. "Quando Ele começou a manifestar a sua própria presença como pretensão de significado decisivo e de poder determinante no âmbito da liberdade das pessoas".³⁵⁰

Romano Guardini³⁵¹ diz que uma doutrina que explica a vida pode provoca consenso ou negação, mas é bem diferente quando uma pessoa apresenta a pretensão de e/a mesma possuir uma importância absoluta para a nossa vida. Para aceitar uma tal pretensão, quem a escuta deve renunciar a si mesmo, deve sacrificar a autonomia do próprio critério de uma forma tão palpável como só pode acontecer no amor. Se essa renúncia de si é recusada, nasce uma aversão radical e profunda, que

³⁴⁸ GIUSSANI, L., OPC, op., cit., p. 93.

³⁴⁹ Cf. GIUSSANI, L., ibidem. pp. 92-94.

³⁵⁰ Ibid, ibidem.

³⁵¹ Cf. Guardini, R., "*L'essenza Del cristianesimo*", Brescia, Morcelliana, 1981, p.39.

procurará justificar-se de todas as maneiras.

Os Apóstolos nesse segundo momento aprofundaram sua escolha, assim como os outros, nesse mesmo momento, tomaram distância de Jesus.³⁵² Mas o dado relevante é que o fato discriminante fundamental, pró ou contra, está na inconcebível pretensão de sua Pessoa, na "novidade absoluta da sua 'natureza', na inimaginável resposta à pergunta sobre quem Ele seja". Essa é a chave para um salto qualitativo da percepção de si e da imagem da vida.³⁵³ Dizia Tresmontant:

"Se estudamos o caso de Jesus de Nazaré, percebemos que a resistência que Ele encontrou provém do fato de que Jesus, com suas palavras e ações, ensina uma doutrina que fere e perturba hábitos adquiridos, representações conquistadas e preconceitos. Aqueles que transmitem preconceitos e os preservam rebelam-se contra esse professor de novidades. Para eles é intolerável. Era e é ainda hoje. E sempre o será".³⁵⁴

Há, sobretudo, um terceiro momento, na sua pedagogia revelativa, em que Jesus enfrenta, ainda que implicitamente, a resposta à pergunta "Quem és tu?". Pe. Giussani, ao explicar este passo importante da pedagogia de Jesus, que precede a uma declaração explícita diz:

"Certa vez, uma professora de religião valdense me disse: 'Cristo nunca diz no Evangelho 'Eu sou Deus', mas diz sempre 'Eu sou o Filho de Deus'.' E eu lhe respondi: 'Se eu lesse no Evangelho que Cristo tivesse dito 'Eu sou a segunda pessoa da Santíssima Trindade', diria imediatamente que se trata de um documento falso'. Seria falso porque, sendo Ele judeu, nascido naquela época e pertencendo a uma determinada faixa social, só poderia falar segundo a mentalidade de um homem daquela época e da mesma extração. Não podemos imaginar Jesus falando com a sagacidade de um grego do século IV e muito menos segundo o tipo de exigências mentais que caracterizam o homem moderno".³⁵⁵

No contexto religioso de Jesus, o sagrado Nome de Deus deveria ser pronunciado por meio de circunloquções. Deus era identificado com a sua palavra e com a história de seu povo, quer dizer, com os textos, com a Sagrada Escritura como história de uma nação, com os antigos pais.

³⁵²Cf. O Capítulo 6 do Evangelho de São João, o dramático e capitular Episódio do 'Discurso do Pão da Vida na Sinagoga de Cafarnaum'. Também podemos neste contexto encaixar e ler o que nos diz o teólogo Alfonso Garcia Rúbio, sobre a extraordinária pretensão de Jesus Cristo, sua consciência de uma missão única, relacionada a própria salvação do reino de Deus e quais foram as suas conseqüências. Cf. Também Rúbio, A, G., **"O Encontro com Jesus Cristo Vivo"**, Edições Paulinas, São Paulo, 1994 - Coleção teologia do povo -, pp. 79-93.

³⁵³GIUSSANI, L, ibidem, p.95.

³⁵⁴Tresmontant, G. **"Cristianesimo, filosofia, scienze"**, Jaca Book, Milão, 1983, p.247.

³⁵⁵ibid, Ibidem, p. 247.

Assim, as expressões com as quais um judeu daquela época indicava a divindade eram "a lei, os profetas e Moisés", ou "os Pais", "os antigos", isto é, aqueles que eram reconhecidos como o meio, o instrumento da voz de Deus, ao ponto que o que eles diziam era a voz, a palavra de Deus. a que acontecera na vida deles eram gestos de Deus. '*Mirabilia Dei*', gestos de Deus, tinham-se verificado com Abraão, Isaac, Jacó e David.

Por isso, Jesus, ao responder à grande pergunta "Quem és tu?" atribui-se gestos e papéis que a tradição judaica reservava cuidadosamente a Javé. Assim, através de gestos, Ele se identificou com Deus. Tornando cada vez mais decisivas as suas afirmações, Jesus Cristo, judeu de uma determinada época, se apropria de atitudes reservadas ao divino, usa o método de atribuir-se normalmente o que era próprio de Deus. Essa identificação se deu, sobretudo, em três aspectos:

a). *Na origem da Lei*: Antes de tudo, Jesus se identificou com o significado mais 'profundo'³⁵⁶ da Lei. A palavra Lei era o termo mais usado pelos fariseus para indicar o divino. Dizer que alguma coisa era segundo a Lei significava dizer que era segundo Deus (cf. Mt. 5, 21-22a. 27-28a. 31-32a. 33-34a. 38-39a. 43-44a).

b). *No poder de perdoar os pecados*: quando Jesus reivindicar para si o poder de perdoar os pecados (Cf. Mc. 2, 1-12; Lc. 5, 17-26), e o reivindica não só por palavras, mas também de modo factual. As pessoas ficaram impressionadas com o milagre, mas ele remetia a uma outra coisa bem diferente, ou seja, ao poder de perdão que só Deus tem.

"A sua piedade apresenta traços inauditos, até mesmo revolucionários, que os devotos de então consideravam escandalosos e sacrílegos (...). Ele não corresponde a nenhum dos modelos conhecidos. Exige uma mudança que visa não apenas às estruturas externas e às formas de comportamento, mas também aos ideais e à orientação fundamental, ao coração do homem. A inaudita liberdade com a qual Jesus se apresenta coloca uma pergunta: com que autoridade fazes essas coisas?"³⁵⁷

c). *Na identificação com o princípio ético*: Através da narrativa do juízo final, apresentada no Evangelho de São Mateus (Cf. Mt 25,31-44),

³⁵⁶Giussani identifica na sua obra: "*Na Origem da Pretensão Cristã*" este termo com a palavra "origem" da Lei.

³⁵⁷Kasper, W., "*Introduzione alla fede*", Editrice Queriniana, Brescia, 1985, pp.58; 59-60.

trata-se do juízo último, e o que age no juízo é o princípio ético; não é o legislador que julga, mas a origem, ou melhor, a natureza, o significado mais profundo do bem. E é Ele. Tanto é, que quem faz o bem sem dar-se conta d'Ele, sem ter consciência d'Ele, faz o bem porque estabelece, mesmo sem saber, um relacionamento com Ele. Se uma ação do homem é boa porque é feita por Ele e é má se O exclui, Jesus se colocou como o discriminante entre o bem e o mal, não tanto como juiz, mas como critério de identidade. Ele é o bem e não estar com Ele é o mal.

Ainda que se situe na ótica do implícito, essa é a afirmação mais forte da consciência que Cristo tinha de sua identidade com o divino. Porque o critério que avalia o bem e o mal coincide com o princípio das coisas, com o significado mais profundo, com a origem última da realidade, Cristo. A nascente ética por excelência é o divino; o princípio do bem coincide com a verdade. Viver bem significa servi-Lo, segui-Lo.³⁵⁸ A propósito disso observa Pierre Rousselot:

"Isso quer dizer, inicialmente, viver segundo os seus preceitos, mais estritos, e formulados com mais autoridade que os de Moisés... É, ainda, viver como Ele. (...) É, enfim, viver por Ele... (Mt. 10,37 e 19, 29). Essas palavras, pensando bem, são ainda mais extraordinárias do que aquelas com as quais Ele perdoa os pecados ou declara que será juiz das obras de todos no último dia. É a Ele que se segue pela estrada, é Ele que encontraremos no fim, e é Ele que se quer amar querendo fazer o bem".³⁵⁹

Jesus Cristo, em sua divina pedagogia, mostra um dinamismo metodológico que: "O comportamento daquele homem era de tal ordem que quanto mais O seguiam e compartilhavam da sua companhia, mais eram levados a perguntar: 'mas como consegue ser assim?'"³⁶⁰ Quando explodiu no coração dos apóstolos esta pergunta, é porque existe em nós a 'certeza moral'³⁶¹, ou seja: "A natureza nos permite obter a certeza a respeito do comportamento humano – porque esta é fundamental para a vida – com mais rapidez em relação a outros tipos de certeza, através da intuição da convergência de vários indícios em direção ao mesmo

³⁵⁸Cf. GIUSSANI, L, OPC, op.cit.. p. 99.

³⁵⁹Rousselot, P. In P. Rousselot-J. Huby, "*Le Nouveau Testament*", in *Christus*. Paris, Beauchesne, 1927, pp.1019-1020 (reeditado pela Jaca Book, Milano, 1977).

³⁶⁰GIUSSANI, L, ibidem, p. 100.

³⁶¹Ibid, ibidem, p.83.

ponto".³⁶²

Logo: quanto mais alguém compartilha a vida de uma pessoa, mais é capaz de ter a seu respeito uma certeza moral, porque os indícios se multiplicam. E isto acontecia no método pedagógico de Cristo, pois vai se colocando como realização plena para os seus. A sua bondade, a sua inteligência, a sua imensa capacidade introspectiva, a prodigiosa possibilidade de governar as coisas, a naturalidade de sua disposição ao milagre são, para quem vive com Ele ou pra quem sabe prestar atenção n'Ele, indícios que aos poucos se multiplicam e se aprofundam, indícios que fazem "ficar de boca aberta", que provocam uma pergunta à qual não se sabe responder, à qual é preciso achar a resposta. Com total certeza os próprios discípulos procuram respostas.³⁶³ Todos procuram dar uma resposta à pergunta sobre a identidade de Jesus. Diante do problema que Ele representa, todos ficam inquietos porque suas respostas não definem plenamente o tipo humano d'Ele.³⁶⁴ Por isso Jesus deu passos introdutórios até a resposta explícita. Ele coloca a si mesmo como o motivo pelo qual vale a pena comprometer a vida, coloca-se como fundamento dos relacionamentos que constituem o coração da nossa liberdade, até o momento em que começa a atribuir-se gestos e prerrogativas que a Bíblia e toda a tradição judaica atribuíam exclusivamente a Deus. Jesus se torna o "revelador" da Lei, o que perdoa o pecado e se identifica com a origem ética.

Entretanto, ao aproximar-se dos últimos dias a sua declaração torna-se explícita. Jesus apresenta-se abertamente como Deus. Isso acontece quando as consciências que O rodeavam já haviam tomado uma posição

³⁶²Ibid, p.100.

³⁶³"Podemos tentar imaginar a sua dinâmica. Enquanto caminha com os seus por uma trilha que conduz ao mar, Jesus vê num certo ponto a trilha costear um despenhadeiro íngreme e, como faria qualquer um de nós, pára um instante para olhar. Então, como que tomado por um pensamento repentino, pergunta aos seus: *'Para as pessoas, quem sou eu?'* Eles responderam: *'para alguns és João Batista, para outro Elias, e para outros um dos profetas antigos que ressuscitou'*. Então ele perguntou: *'E vós, quem dizeis que eu sou?'* Pedro, impulsivo como sempre, provavelmente repetindo algo que ouvira o próprio Jesus dizer, mesmo sem compreender: plenamente o seu significado, responde: *'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'*. Pedro havia atingido aquela evidência que o fazia pensar: *'Se não posso confiar nesse homem, não posso confiar nem em mim mesmo'*. Jesus olhando para aquele rochedo íngreme que estava à sua frente, a rocha sobre a qual fora construída a inexpugnável cidadela de Cesárea de Filipe, e olhando para Pedro, disse: *'Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão sobre ela'*" (ibid, pp.102-103).

³⁶⁴"E Ele responde, mas lentamente, pedagogicamente, introduzindo a resposta quase com cautela *'para não apagar a mecha fumegante'*" (ibid, pp.102-103).

diante d'Ele.

"Deus tende a valorizar a situação na qual a nossa liberdade escolheu até então se colocar. O modo como Deus nos trata segue uma decisão já tomada pela nossa liberdade, obriga revelar melhor aquilo que ela está disposta a fazer. Quando a liberdade assume uma atitude fechada, tudo quanto acontece contribui para fechar ainda mais, e vice-versa" (Cf. Mt. 13,12; 25,29).³⁶⁵

Assim, a prova definitiva que Ele dará de si mesmo será uma ocasião para que os seus amigos demonstrem uma ligação maior com Ele e, para os seus inimigos, será o último pretexto para eliminá-lo.

É importante colocar neste trabalho os três momentos que Pe. Giussani caracteriza como momentos de manifestação explícita de Jesus Cristo. Nos últimos tempos da vida de Jesus, praticamente ele se instala no pórtico do templo, "desafiando" os fariseus da manhã até a noite. Cita Schnackenburg:

"Há um grande 'sussurrar, um falar em segredo entre a multidão, provavelmente composta de pessoas do lugar e dos peregrinos. As opiniões dividem-se, mas são dados apenas juízos sumários. A calúnia ('Ele seduz o povo) opõe-se a um reconhecimento decidido, mas vago ('Ele é bom). O código penal judaico previa o apedrejamento para o crime de 'sedução'. É uma expressão muito forte (...). Mas a verdadeira situação em Jerusalém pode ser compreendida pelo fato de que reina o terror de expressar uma opinião pessoal. O povo não ousa exprimir as suas idéias '*por medo dos judeus*'. Sem dúvida, trata-se das autoridades teocráticas, que recorrem a ameaças e represarias".³⁶⁶

Jesus em suas últimas semanas de vida se colocou em direção explícita para Jerusalém até então, Ele fugia dos fariseus, para que não O prendessem. Porém agora era diferente, pois Ele vai decidido e abertamente para a Cidade Santa. A situação era tal que a sua decisão provocou a reação dos amigos. OS Evangelistas narram que "Pedro O chamou à parte e começou a protestar" ou que "se pôs a adverti-Lo. Mas Jesus lhe responde: "Tu não pensas segundo Deus, mas segundo os homens" (Cf.: Mt.16,22;Mc.8,32;Mt.16,23;Mc.8,33).

"A controvérsia exalta-se em Jerusalém e, na cidade cheia de peregrinos, o espetáculo daquelas discussões interessa a muitos curiosos. Jesus chega a tomar a iniciativa de atacar os fariseus no campo de sua maior competência, a interpretação da Escritura, da qual conheciam todas as sutilezas (cf. Mt. 22,41-46) (...). Ainda que cada palavra da Escritura parecesse não ter segredo pra eles, a capacidade interpretativa que

³⁶⁵ Ibid.

³⁶⁶ Schackenburg, R. "*Il vangelo di Giovanni*", op., cit., pp.269-270.

dela tinham não bastava para responder a Jesus. Mas algo de definitivo e solene de seu modo de raciocinar deve tê-las tocado, porque depois daquele dia não Lhe fizeram mais perguntas. Um início de resposta explícita fora dado, portanto: a natureza de Jesus se desvela e aparece como divina".³⁶⁷

Um outro momento de declaração explícita de Jesus, além de sua ida para Jerusalém, é apresentado pelo Evangelho de São João, no capítulo oitavo (cf. Jo. 8,31-59) No clima tenso daquelas discussões no templo, o Evangelho assinala freqüentemente que alguns judeus, escutando Jesus, "acreditavam nEle". Eram provavelmente as pessoas que chamamos hoje de "simpatizantes". Segundo Schnackenburg, comentando sobre o evangelista São João, numa dessas circunstâncias em que Jesus se dirige àqueles que simpatizavam com Ele disse:

"Se permanecerdes fiéis às minhas palavras, sereis verdadeiramente meus discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Ele afirma: "Eles se sentem feridos no seu orgulho religioso e nacional pelas palavras de Jesus (...). Apesar da opressão política, eles sabem que são livres filhos de Abraão, que interiormente nunca se dobraram diante da dominação estrangeira".³⁶⁸

Ou seja, dizem a Jesus que sempre foram livres. Jesus recorre a uma imagem para esclarecer a sua capacidade de libertar:

"Segundo a imagem, o que temos é uma comunidade doméstica, na qual convivem escravos e um filho do dono da casa. Os servos, os escravos, um dia deixarão a casa, mas o filho e o herdeiro permanecem. Situações como essa se verificam tanto na palestina como no território helenístico".³⁶⁹

pois, quem erra é como que escravo de seu limite. Um escravo não pertence ainda à família, enquanto que o filho está dentro dela, pertence à família da liberdade. Portanto, é como se Jesus dissesse que será o filho que os fará entrar na casa como livres. Jesus certamente percebeu as expressões de ressentimento dos presentes, e insistia em querer provocá-los até as últimas conseqüências. Aqueles ouvintes proclamam mais uma vez a sua descendência de Abraão, uma atmosfera que esquentava cada vez mais. Jesus lhes diz:

"Sei que sois da descendência de Abraão; no entanto, procurais matar-me porque a minha palavra não penetra em vós. Eu vos digo o que vi junto do Pai; e vós também fazeis o que ouvis do vosso pai! (...) Se sois filhos de Abraão, fazei as obras de Abraão!

³⁶⁷ GUISSANI, L., OPC, op., cit., p. 105.

³⁶⁸ Schnackenburg R., *"Il vangelo..."*, op., cit., p. 353.

³⁶⁹ Schnackenburg R., *ibidem*, pp 355-356..

Agora, porém, quereis matar-me, porque eu vos disse a verdade; Abraão não fez isso". Os chefes dos judeus compreenderam que "Jesus queria atribuir-lhes um outro pai que não era Abraão (...). Para os judeus, Abraão era o iniciador da adoração de Deus, aquele que reconheceu em Deus o criador do mundo e O servira fielmente (...). Os judeus desafiados pelo conteúdo de Jesus o consideraram um insulto à sua fidelidade a Deus, o próprio Jesus nega que sejam filhos de Abraão".³⁷⁰

A questão continua quando os judeus afirmam: 'Nós temos um só pai, que é Deus!' Mas Jesus insistia:

"Se Deus fosse vosso Pai, certamente me amaríeis, porque eu vim de Deus; eu não vim por mim mesmo, mas foi o pai que me mandou. Por que não compreendeis a minha linguagem? É porque não podeis escutar minhas palavras, vós que tendes por pai o diabo e quereis cumprir os desejos do vosso pai. Ele é homicida desde o início e não perseverou na verdade, porque a verdade não está nele. Quando mente, do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas em mim não acreditais, porque eu digo a verdade. Quem de vós me acusa de pecado? Se eu digo a verdade, por que não acreditais em mim?" (Cf. Jo. 8, 41-46).

Ainda afirma Schnackenburg: 'Jesus fala e discute consciente de sua total unidade com Deus'.³⁷¹ Então, aqueles que tinham sido simpatizantes, que durante a controvérsia foram se afastando cada vez mais, sentindo-se atacados no seu orgulho religioso, passam a dar razão àqueles que já haviam se oposto a Jesus e O acusavam de estar possuído por um demônio, e, portanto, bem distante do Deus por quem Ele dissera ter sido enviado. Pe. Giussani, citando Schnackenburg, afirma que Jesus está percorrendo firmemente a estrada da sua auto-revelação.³⁷²

"Ele refuta as acusações e faz uma afirmação destinada a agravar e aumentar a confusão e a gritaria (...) eu não tenho demônio, mas honro o meu Pai e vós desonrais. Eu não procuro a minha glória; há quem a procure e julgue (...) 'Se alguém observa a minha palavra não verá jamais a morte'. A reação é violenta: gritam que aquilo que Ele está dizendo confirma, sem sobra de dúvidas, que é um louco, um endemoninhado. Como pode prometer que alguém venha a ser poupado da morte?... O escândalo dessa frase é imenso: seja para aqueles que banalmente interpretassem ao pé da letra a expressão de Jesus, seja para aqueles que percebessem, ainda que por intuição, que o que Ele acabava de dizer era o seguinte: 'Eu vos declaro solenemente que quem adere ao que eu digo adere a uma coisa que o tempo e a história não poderão mais limitar'".³⁷³

A propósito de toda esta "crise" no momento da auto-revelação de Jesus, von Balthasar afirma:

³⁷⁰ Ibid, pp.378; 380-381.

³⁷¹ Ibid, p. 382.

³⁷² Cf. GIUSSANI, L, OPC, op., cit., p.108.

³⁷³ GIUSSANI, L, Ibidem.

"Não há no Evangelho palavras (...) que, para toda e qualquer alma naturalmente piedosa, parecem agitadas pelo frêmito da hybris? Não só o grego, mas também o judeu não podem deixar de estremecer na sua piedade mais autêntica e qualquer um que acuse a blasfêmia teria razão de sobra, se não fosse o caso de Cristo. Religiosamente, essas palavras têm um som 'insuportável'. É preciso notar que não é o Deus nu a pronunciar essas palavras, mas um homem, ainda que pelo resto Deus fale nele (...). Por, isso, podemos dar uma só justificativa: esse homem age por obediência; no momento em que se atribui qualidades divinas, é obediente. Isso só é possível se esse homem que obedece quando se 'faz' Deus é um Deus que obedece quando se faz homem. A primeira coisa somente sena hybris evidente e não poderia ser compreendida como obediência humana. A coisa mais segura, com efeito, que se pode dizer do homem é: que ele não é Deus".³⁷⁴

Assim, Jesus levava ao máximo a sua provocação: "Abraão, vosso pai, exultou na esperança de ver o meu dia; viu-o e rejubilou-se nele". Em qualquer gênio humano existe a profecia de uma realização que a pessoa de Cristo assegura encarnar. Para os adversários, é clara a insensatez, a inaudita e absurda presunção do que Jesus diz e que é desarmada. A discussão iniciada com os fariseus no episódio acima citado no tocante ao patriarca Abraão, onde Jesus conclui "antes que Abraão fosse, eu sou" , iniciada para aprofundar uma simpatia e uma curiosidade, se conclui com uma ruptura dramática e completa.³⁷⁵ O último passo na pedagogia revelativa de Jesus, diante de sua declaração explícita, é o mais dramático e tem o capítulo 26 do Evangelho de S. Mateus como referência (Cf. Mt 26,47-68). Nas tumultuadas e últimas semanas de Jesus, os seus apelos para que cressem n'Ele multiplicaram-se: sinais e palavras querem levar os homens a refletir sobre a urgência e a especificidade única do que anuncia.

"Depois de tê-lo vigiado e seguido para fiscalizar o seu ensinamento, os chefes religiosos resolvem decretar a periculosidade de Jesus. Ele não corresponde à imagem do Messias que era esperado, volta-se contra eles – intérpretes da lei –, afasta o povo da verdadeira tradição com ensinamentos suspeitos e poderia atrair a atenção dos romanos. Em suma, decidem-se a capturá-Lo. Jesus é preso e levado diante do Sinédrio para um julgamento. A exigência de justiça é tão grande no homem que jamais existirá uma injustiça que não procure apresentar-se e impor-se sem pelo menos uma aparência e justiça, o que demonstra a sua necessidade."³⁷⁶

É interessante notar que, no caso de Jesus, o Sinédrio procurou

³⁷⁴Balthasar, H., U., von, "*La percezione della forma, Gloria (...)*", Op., cit., pp. 448.

³⁷⁵"Existem afirmações diante das quais o jogo egocêntrico do homem explode. São desafios à razão assim como é vivida, não à razão em toda a plenitude do seu apetite cognoscitivo". Cf. GIUSSANI, L., "*O Senso religioso...*", op., cit., pp.43-55.

³⁷⁶GIUSSANI, L., OPC, op., cit., p. 111.

seguir um procedimento acima de qualquer acusação de irregularidade: primeiro, uma audiência diante do conselho, depois a acusação submetida à competência do governador romano.³⁷⁷ Ali Jesus foi objeto de inúmeras acusações. Os Evangelhos referem-se ao mal-estar generalizado do Sinédrio, que procurava algo válido para condená-Lo e não encontrava. Cabe lembrar ainda as palavras dramáticas do Evangelho segundo São Mateus, quando Jesus é condenado no Sinédrio (cf. Mt. 26, 64). Diante da provocação sobre o testemunho que veio dar, Jesus não pode mais se calar. Então todo o conselho acusa a blasfêmia e proclama que Jesus é réu de morte. Aí está a dramática e explícita declaração de Jesus Cristo. E admitir que era o Messias não necessariamente implicaria a acusação de blasfemo. Mas Jesus, atribuindo a si dois célebres textos messiânicos do Antigo Testamento – ‘*Salmo 110 e o capítulo 7 de Daniel*’ (cf. Sl. 110,1; Dn. 7, 13-14) –, segundo Pe. Giussani, é aqui que Ele proclama-se Messias com firmeza. Mas, naquela pergunta, o acréscimo na expressão "Filho de Deus" (que Jesus havia usado) ao título "Messias, o Cristo" revela que eles já estavam alarmados; e Jesus confirma aquela expressão.³⁷⁸ Evidentemente, a maioria das autoridades religiosas naquele lugar reconheciam naquela frase uma identificação com o divino, uma pretensão percebida como uma confusão entre a realidade humana e divina, que justificava a acusação de blasfêmia. Mas é interessante notar que dos muitos que àquela época se proclamavam Messias foram acusados de blasfêmia. Aliás, como o Messias era esperado, os chefes religiosos inteligentes seguiam uma linha de verificação muito simples

³⁷⁷“Diante do Sinédrio, Jesus foi objeto de muitas acusações, às quais se prestaram várias testemunhas falsas, que acabaram por se contradizer. Os Evangelhos referem-se ao mal-estar generalizado do Sinédrio, que procurava acusação válida e não conseguia encontrá-la. Até que duas testemunhas disseram: ‘*Esse homem declarou: posso destruir o templo de Deus e reconstruí-lo em três dias*’. Evidentemente, reduziam de maneira fictícia uma afirmação que Jesus fizera alguns dias antes, referindo-se metaforicamente ao próprio ser e à própria pessoa. Na falta de argumentos mais válidos, o sumo sacerdote pede que Jesus se desculpe e O pressiona para que responda, mas a falsidade da interpretação é tão evidente que Jesus se cala. O Sumo Sacerdote está encurralado, sabe que deve obter alguma coisa pelo menos formalmente, e então apresenta o seu último recurso para a acusação, usando um argumento a que teria preferido nunca dar voz, tão grande era o escândalo de seu conteúdo blasfemo.” Cf. GIUSSANI, L., *ibidem*.

³⁷⁸“Com seu gesto de indignação, o Sinédrio responde à objeção moderna segundo a qual, no Evangelho, Jesus não teria se proclamado Deus, Mas Filho de Deus. Evidentemente, as autoridades religiosas da época reconheciam, naquela frase do homem de Nazaré, uma identificação com o divino, uma pretensão percebida como uma confusão entre a realidade humana e a realidade divina, que justificava a acusação de blasfêmia” Cf. *ibid*, *ibidem*.

(leitura e verificação das profecias das Sagradas Escrituras nas ações e na vida). Se algum daqueles que se auto-proclamavam fosse de fato o Messias, o libertador que todos esperavam, teria obtido resultados claros; caso contrário, teria fracassado.³⁷⁹ Nada poderia induzir o Sinédrio a abandonar essa atitude "sensata" para tomar uma posição tão grave como a acusação de blasfêmia, se esta não fosse provocada por alguma coisa e mais, que perturbava e colocava em jogo a própria idéia de Deus que eles honravam e defendiam de qualquer equívoco, de qualquer coisa que pudesse falsear e corromper a concepção pura que eles tinham de Javé. Aí está o cerne, ou seja, os termos para uma decisão quanto à pretensão cristã.

"A condenação de Jesus à morte diante do Sinédrio *foi* por blasfêmia, '*porque*', como *foi* explicado ao governador romano, '*se fez Filho de Deus*' (Cf. Jo. 19,7b), *ainda* que a Pilatos tenha sido referida a pretensão de Jesus de ser Rei dos Judeus, título que podia incomodar particularmente um representante do Império (...). A afirmação de Jesus é simplesmente um fato, e os fatos fazem emergir aquela atitude que está no âmago do coração humano, ou seja, se este está fechado ou aberto diante do mistério do ser.(...) O problema cristão resolve-se nos mesmos termos em que se coloca: ou estamos diante de uma loucura, ou aquele homem que diz ser Deus é Deus. (...) O problema da divindade de Cristo reduz-se a isto: alternativa na qual penetra, mais que em qualquer outra ocasião, a decisão da liberdade. Uma decisão que tem raízes recônditas, ligadas a uma atitude diante de toda a realidade. A liberdade não é representada por escolhas grandiosas; elas não oferecem a razão do drama da nossa vida. A liberdade é a coisa mais discreta que existe (...). O espírito assume uma posição originária diante do real e só depois a desenvolve e toma *consciência* dela, especialmente nas opções mais grávidas de conseqüências. *Diante* do problema de Jesus Cristo, realiza-se a conseqüência da posição primordial, mais íntima e original da nossa consciência diante da totalidade dos seres e do Ser".³⁸⁰

4.2

Do Maravilhamento à Convicção: Um Novo Significado Para a Vida³⁸¹

³⁷⁹Um exemplo clássico neste caso era a postura dos mestres: Nicodemos e José de Arimatéia, que reconheceram, numa leitura atenta das Escrituras Sagradas, e na vida de Jesus, a realização das promessas Messiânicas. Um outro exemplo, um pouco diferente, mas que mostrava um critério similar que também pode se encaixar aqui é a postura do Mestre Fariseu Gamaliel em At. 5, 34-42.

³⁸⁰GIUSSANI, L., *Ibidem*, pp. 113-114.

³⁸¹"O Evangelho de Lucas narra um encontro: por uma parte aparece o cortejo que acompanha ao cemitério o jovem filho de uma mãe viúva; por outra, o grupo festivo dos discípulos que seguem a Jesus e lhe escutam. Também hoje, queridos jovens, é possível tomar parte desse triste cortejo que avança pela rua do povoado de Naim. Isto sucede se vos deixais levar pelo desespero, se os atrativos da sociedade de consumo vos seduzirem e vos distraírem da verdadeira alegria para devorar-vos em prazeres, se a indiferença e a superficialidade vos tomarem, se ante o mal e o sofrimento duvidais da presença de Deus e de seu amor por toda pessoa, se buscais na deriva de uma afetividade desordenada a resposta à sede interior de amor verdadeiro e puro. (...) Precisamente nestes momentos Cristo se aproxima de cada um de vós e, como o menino de Naim, dirige a palavra que sacode e desperta: '*Levanta-te*'. '*Aceita o convite que te volta a pôr de pé!*' (...) Não se trata de meras palavras: o mesmo Jesus está ante vós, o Verbo de Deus se fez carne. Ele é a '*luz verdadeira que ilumina todo o homem*' (Jo. 1,9), a verdade que nos faz livres (Cf. Jo. 14, 6), a vida que nos dá em abundância o Pai (Cf. Jo. 10,10). O cristianismo

Num primeiro momento vimos que Cristo faz um chamado que provoca e interpela diante de todos e que toca no coração e na liberdade do homem, manifestando seu rosto de maneira explícita quando revela a verdade de si e vai até as últimas consequências (pedagogia revelativa). Agora, qual é o novo significado da pessoa, da existência e qual lei suprema da vida?

O valor de uma pessoa não se percebe diretamente, como se o víssemos. O íntimo da pessoa pode ser compreendido na medida em que se revela - e se revela através de "gestos"³⁸², através de sinais.³⁸³ Ou seja, para colher e julgar o valor de uma pessoa através dos seus gestos é necessária uma "genialidade", uma "genial idade humana". E isto é uma capacidade psicológica mais ou menos desenvolvida ou mais ou menos favorecida. Para isto, são necessários três fatores importantíssimos: uma sensibilidade natural, a educação completa e a atenção.

É interessante notar também que, para se verificar a credibilidade de um fato inerente a uma personalidade moral e religiosa é necessário ter em si uma genialidade moral e religiosa, que permita interpretar os gestos dessa pessoa como sinais significativos naquele sentido preciso. Para Giussani, o que é a Moral?³⁸⁴ "A moralidade é a relação entre o gesto e a concepção do todo nele implicado".³⁸⁵

De fato, o ser humano sempre se move na dimensão universal, implícita ou explicitamente, consciente ou inconscientemente. A capacidade de interpretar os gestos da pessoa como mais significativos

não é um simples livro de cultura ou uma ideologia, tampouco é um mero sistema de valores ou de princípios, por mais elevados que sejam. O cristianismo é uma pessoa, uma presença, um rosto: Jesus, que dá sentido e plenitude à vida do homem". (Berna, sábado, 5 de junho de 2004, discurso dirigido por João Paulo II na tarde de sábado diante de cerca de doze mil jovens suíços reunidos naquela cidade) in: *L'Osservatori Romano – Edição em Português*, nº. 24 (1.800), 12 de junho de 2004, p.46.

³⁸²O sentido de "gesto" como realidade sacramental em Pe. Giussani pode ser aprofundada na Dissertação de Mestrado de Paulo Alves Romão, que tem como tema: "A Dimensão Sacramental da Fé em Luigi Giussani". Cf. Romão, P., A., *"A Dimensão Sacramental da Fé em Luigi Giussani"*, Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, fevereiro de 1999 – primeiro trabalho sistemático em teologia sobre o autor no Brasil.

³⁸³"Poderíamos compará-los aos sintomas que, para o médico, são as manifestações de uma realidade não perceptível diretamente através de sua observação. Quanto mais um médico é genial, mais capacidade terá para avaliar os sintomas". Cf. GIUSSANI, L, OPC, ibidem, p.115.

³⁸⁴A definição literal de moral ou moralidade que Pe. Giussani faz, pode ser lida no artigo que é parte de uma palestra durante os Exercícios Espirituais dos Universitários de CL, intitulado: *"Reconhecer Cristo"*, in *Litterae communionis*, nº.43, 1995, pp. XVIII-XXXII.

³⁸⁵Cf. GIUSSANI, L., ibidem, p.116.

não é necessariamente indicada por um nível de santidade ou de irrepreensibilidade ética, mas como está em jogo a *relação* elementar do particular com o todo, ela é mais bem definida como abertura original da alma, como uma atitude original de disponibilidade e de dependência, não de auto-suficiência; como uma vontade de afirmação, não de si, mas do próprio ser.

Trata-se do sentido próprio da criatura, ou *seja*, do ser como dependente, e da própria raiz da religiosidade. Assim, a escolha mais dramática da nossa liberdade, e a condição para a capacidade de verificação da qual estamos falando, coloca-se na profundidade do nosso ser: é escolha entre a auto-suficiência e a disponibilidade; entre aquela decisiva nuance de fechamento, que impedirá a verificação dos fatos e, portanto, a sua compreensão, e acabará tornando-se irreligiosidade, enquanto que uma vivida simplicidade natural, com o passar do tempo, dará seus frutos em termos de consciência e permitirá que a inteligência e o coração se abram aos fatos.³⁸⁶

No Evangelho, Jesus continuamente ressalta a necessidade do que anteriormente chamamos de "genial idade moral", para que se possa compreendê-Lo; e indica que uma atitude habitualmente auto-suficiente, não disponível, impossibilita a percepção do valor revelador dos atos que Ele realiza. A trágica afirmação de São João: "Ele estava no mundo foi feito por meio d'Ele, mas o mundo não O reconheceu. Veio para o que era seu e os seus não O receberam" (Jo.1,10-11), às palavras que se seguem ao encontro com Nicodemos:

"Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque as suas obras eram más. Pois quem faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reveladas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, pra que se manifeste que as suas obras são feitas em Deus" (Jo. 3,19-21).

Todo o início do 'Quarto Evangelho' introduzem o drama que Cristo viverá com a consciência humana, drama atestado, sobretudo, pelos capítulos 5,6 e 8 (cf. Jo. 8, 43-47). Nesse sentido, são significativos os dois grandes milagres narrados no 'Evangelho Joanino': a cura de um

³⁸⁶Ibid, Ibidem

cego de nascença (cf. Jo. 9, 1-41) e a ressurreição de Lázaro (cf. Jo. 11, 1-46). Nestes relatos estão traçadas aquelas atitudes de liberdade que representam o oposto da 'abertura disponível' que somos chamados a ser, podemos julgar assim a plausibilidade da 'pretensão' de Jesus. Como Ele é livre.

"Um dia pediam um milagre a Jesus – depois de três anos em que fazia prodígios. Pediram um sinal que arrastasse a liberdade deles. Para Deus, no entanto, a humanidade não é algo a ser obrigado, mas algo que Ele 'chama' através da liberdade".³⁸⁷

Uma pergunta foi feita. Quem é Jesus? E Ele respondeu. Respondeu revelando-se através de todos os gestos da sua personalidade.

"Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado; mas agora não tem desculpa para o seu pecado (...). Se eu não tivesse feito entre eles as obras que nenhum outro fez, não seriam culpados de pecado; mas eles viram e nos odeiam, a mim e a meu Pai. Mas é para que se cumpra a palavra escrita na lei: odiaram-me sem motivo" (Jo. 15,22-25).

O "gesto" mais iluminador, o "sinal" mais significativo, é a concepção que uma pessoa tem da vida, "o sentimento definitivo e global que tem do homem". Segundo Pe. Giussani, só o divino pode "salvar" o homem, ou seja, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só podem ser "conservadas" – isto é, reconhecidas, proclamadas e defendidas – por Aquele que é o seu sentido último.³⁸⁸

"É na concepção da vida proclamada por Cristo, na imagem que Ele dá da verdadeira estatura do homem, é no olhar realista que Ele lança sobre a existência humana, que o coração que busca o seu destino percebe a verdade na voz de Cristo que fala; é aqui que o coração "moral" percebe o sinal da Presença do seu Senhor".³⁸⁹

O fator fundamental do olhar de Jesus Cristo é que na natureza humana existe uma realidade superior a qualquer realidade sujeita ao

³⁸⁷GIUSSANI, L., OPC, ibidem, p. 119. A esse respeito comenta Balthasar. "O fato de Cristo '*não me diz nada*' não, é oposto ao outro fato de que em si Ele diz tudo a todos. Aqui não se trata, como nas ciências, de uma simples adaptação técnica ao modo de pensar ou ao dialeto conceitual de um determinado ramo do saber. Trata-se da correspondência de toda a existência humana à forma de Cristo. Não são apenas condições prévias intelectuais, mas existenciais, que devem ser satisfeitas, para que a forma, que interpela toda a existência, também seja acolhida na mesma existência inteira". Cf. Balthasar, H., U., von, "**La Percezione (...)**", op., cit, pp.434-435.

³⁸⁸GIUSSANI, L, ibidem., p. 120.

³⁸⁹Ibid, ibidem, p. 120.

tempo e ao espaço (uma dignidade de 'imagem e semelhança', 'filiação divina'). O mundo inteiro, apesar de sua magnitude, não vale tanto quanto a menor pessoa humana; ela não pode ser comparada a nada no universo, desde o primeiro instante da concepção até o último passo da velhice. Todo o ser humano tem um princípio original e irreduzível, e que é fundamento de direitos inalienáveis, é fonte de valores (Conferir o já citado e lapidar Salmo oitavo). Afirmar Pe. Giussani que o valor não pode ser confundido com as reações que somos levados a ter. Se assim fosse, o valor da pessoa tenderia a ser reduzido aos termos que prevalecem na mentalidade de morte do meio em que vivemos.³⁹⁰ Ao contrário, a pessoa goza de um valor e de um direito em si, que ninguém pode atribuir ou tirar.³⁹¹ O valor encerra o motivo, o objeto de uma ação, aquilo pelo que vale a pena agir ou existir. Portanto, ser fonte de valor significa, para a pessoa, ter em si o significado objetivo de sua ação.

Por isso, Jesus demonstra na sua existência uma paixão pelo indivíduo, um ímpeto por sua felicidade, que nos leva a considerar o valor da pessoa como algo incomensurável e irreduzível. Afirmar Giussani: "O problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem". Ele Completa com a Sagrada Escritura: "Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida? Que poderá o homem dar em troca de sua vida?" (Mt. 16,26).³⁹²

Nenhuma energia, nenhuma ternura de amor materno ou paterno investiu mais no coração do homem que a palavra de Cristo como vemos em Mt. 16, 26. Cristo, Deus feito homem, apaixonado pela vida do homem. Portanto, o valor da pessoa humana' para Deus é incomensurável. Deus acredita no homem e na nossa liberdade, que é a

³⁹⁰GIUSSANI, L., *ibidem*, p.120.

³⁹¹"O homem é chamado a uma plenitude de vida que se estende para muito além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus. A sublimidade dessa vocação sobrenatural revela a grandeza e o valor precioso da vida humana, inclusive já na sua fase temporal. Com efeito, a vida temporal é condição basilar, momento inicial e parte integrante do processo global e unitário da existência humana: um processo que, para além de toda a expectativa e merecimento, é iluminado pela promessa e renovado pelo dom da vida divina, que alcançará a sua plena realização na eternidade. (...) Na verdade, esta vida não é a realidade 'última', mas 'penúltima'; trata-se, em todo caso, de uma realidade sagrada que nos é confiada para que a guardemos com sentido de responsabilidade e a levemos a perfeição no amor, pelo dom de nós mesmos a Deus e aos irmãos". Cf. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, nº. 2, Edição Loyola, São Paulo, 1995, pp. 7-8.

³⁹²GIUSSANI, L., *OPC*, *ibidem*.

correspondência profunda à nossa própria natureza. Ser livre é antes de tudo ser verdadeiramente 'humano', na sua originalidade mais profunda. É ser aquilo que Deus "sonhou" para nós, para cada indivíduo, ao nos criar. Isso é realmente incrível e é exatamente contrária a noção auto-suficiente de liberdade que se ensina.

Em que se fundamenta esse valor? Como motivar a apaixonada e intransigente afirmação do valor absoluto do indivíduo, que nos deriva de Jesus Cristo e sua livre humanidade? Cristo evidencia no homem uma realidade que não deriva da procedência fenomenológica do homem; fala-nos de uma realidade que é relação direta e exclusiva com Deus.³⁹³ É um relacionamento misteriosamente pessoal que diz respeito até ao menor dos seres humanos. "Não desprezeis nenhum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus vêem continuamente a face de meu pai que está nos céus" (Mt. 18,10). É o conteúdo dessa relação que representa "o tesouro escondido no campo (...)" ou a "pérola de grande valor (...)" (Cf. Mt. 13, 44-46).

É esse relacionamento o sujeito irreduzível de um conhecimento não dedutível: "ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quer revelar" (Mt.11,27). O amor, suprema expressão humana da autoconsciência de posse de si, isto é, da liberdade, é também a expressão adequada desse relacionamento. Também em Mt. 22, 36-39; 25, 31-46: as 'Bem-aventuranças' são um hino a essa liberdade e dignidade (Cf. Mt. 5,1-12), esse hino encontra a sua afirmação e uma explicação encantadora naquele abandono total a Deus que Cristo pede, com força e doçura incomparáveis (Cf. Mt. 6, 25-34) ao enviar os seus apóstolos em missão. Esse relacionamento único, quando reconhecido e vivido, é a religiosidade.

A questão central (ou o problema) que Jesus enfrenta em sua vida terrena é essa. Porque sem defini-la e enfrentá-la, o indivíduo não tem nenhuma possibilidade de ser salvo, ou seja, de "conservar" a si mesmo: será escravo das reações que o atacam, tornando-o violento contra si

³⁹³Ibid, p. 121.

mesmo e contra os outros, ou será escravo de sucessivos tipos de tirania. Isso significa que, sem aquele relacionamento, o indivíduo não poderá ter uma face própria, indestrutível, de duração eterna. Não poderá ter a possibilidade de ser pessoa, de representar um papel inconfundível no caminho do mundo, de ser protagonista na plena vontade de Deus para si. Com Jesus, entra no mundo a descoberta da pessoa; e é a paixão por ela que faz de Jesus um apaixonado mensageiro da dependência, única e total, de cada homem diante do pai. A religiosidade cristã não surge de um gosto filosófico, mas da obstinada insistência de Jesus Cristo – que via naquele relacionamento com o Pai a única possibilidade de salvaguardar o valor de cada pessoa. A religiosidade cristã surge como única condição do humano. "A escolha do homem é: conceber-se livre de todo o universo e dependente só de Deus, ou livre de Deus e escravo de todas as circunstâncias".³⁹⁴

Jesus insistia muito sobre uma coisa que perturbava os fariseus. Ele nos adverte que não nos deixemos enganar sobre o relacionamento definitivo com Deus: esse relacionamento, isto é, a religiosidade, nesse sentido, é necessária para salvar a própria pessoa.

"Nada é mais farisaico do que rasgar as vestes por um dever que se cumpre em vista de um prêmio; nada é mais escravizador do que o dever pelo dever. A coincidência do dever com a felicidade é a coisa mais concreta que a natureza nos sugere, ainda que por aproximações".³⁹⁵

Portanto, a superioridade do "eu" se fundamenta na dependência do princípio que lhe dá origem, e dá origem a tudo, isto é, estabelece a dependência direta de Deus. A grandeza e a liberdade do homem derivam dessa dependência direta de Deus, condição para que o homem se realize e se afirme. A dependência de Deus é a primeira condição para o interesse humano. Afirma Romano Guardini:

"O meu relacionamento religioso com Deus é determinado justamente por aquele fenômeno único que não se repete em outros relacionamentos, ou seja, quanto mais profundamente me abandono nEle, quanto mais profundamente deixo que Ele me penetre, quanto mais fortemente Ele, o Criador, domina sobre mim, nessa mesma e

³⁹⁴GIUSSANI L., OPC, ibidem, pp. 124-125.

³⁹⁵Ibid, Ibidem.

exata medida mais eu me tomo eu mesmo".³⁹⁶

Por isso, "a dependência de Deus vivida, ou seja, a religiosidade, é a indicação mais apaixonada que Jesus dá no seu Evangelho".³⁹⁷ A insistência sobre a religiosidade é o primeiro dever do educador, isto é, da família, do amigo, daquele que ama e quer ajudar o homem no caminho rumo ao seu destino. Toda a mensagem de Jesus Cristo é essa insistência. "Não podemos começar a compreender a não ser partindo dessa sua origem apaixonada, de sua paixão pela pessoa humana".³⁹⁸ É importante dizer que a inteligência do humano, que Jesus demonstrou ter, leva-o a conduzir fortemente o homem rumo à sua origem, rumo à sua religiosidade. A religiosidade, enquanto tende a fazer viver todas as ações como dependentes de Deus, chama-se moralidade.

"Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mt. 7,21). (...) "Como a vontade do Pai é o mistério de Cristo, Ele justamente acrescenta, referindo tudo à sua presença: Por isso, quem ouve as minhas palavras e as põe em prática será comparado a um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as inundações, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha. Mas quem ouve as minhas palavras e não as põe em prática será semelhante a um homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, vieram as inundações, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, ela caiu. E grande foi a sua ruína". (Mt. 7,24-27).

A moralidade que não parte de algo maior do que o 'eu', de algo que não seja o 'eu', é uma ambigüidade marcada pela mentira: uma forma traiçoeira de impor-se a todos, é identificar o dever com a consciência. Pelo contrário, a consciência é o lugar em que se percebe a dependência, o lugar onde emerge a indicação de um Outro. Assim Jesus, homem, nos ensinou: "Eu não posso fazer nada por mim mesmo: julgo segundo o que escuto e o meu julgamento é justo, porque não procuro a minha vontade, mas à vontade d'Aquele que me enviou" (Cf.Jo. 5,30). Somente essa hipótese fundamenta a liberdade de consciência. De fato, a liberdade é responsabilidade, isto é, resposta a um Outro. "Isso salva a liberdade,

³⁹⁶Guardini, R., "*La coscienza*", Brescia, Morcelliana, 1948, p.59.

³⁹⁷GIUSSANI, L, OPC, ibidem.

³⁹⁸Ibid, ibidem, p.126.

liberta a liberdade da identificação com uma reação endógena (por fatores internos) ou – como no fundo, sempre o é – induzida, sujeita ao exterior, logo sujeita a uma violência, a um 'poder dominante'".³⁹⁹

É importantíssimo dizer que para o autor a expressão da religiosidade e da moralidade como consciência da dependência de Deus chama-se oração.⁴⁰⁰

"A oração é a consciência última de si, enquanto consciência da dependência constitutiva de nossa relação com Deus. Ela representa o tecido do sentimento de si que Cristo tinha... (Cf. Jo. 5,17.19.26.36b; 6, 38.57a; 7, 28b-29; 8,28. 38a. 42. 54-55) também: É a profundidade desse pertencer, dessa dependência total. Cristo impunha o conteúdo da oração aos momentos dos quais o Evangelho fala tão freqüentemente (Cf. Mt. 14,23). (...) É exatamente por sua oração contínua que Ele não se sentia sozinho. Porque a consciência da ininterrupta fonte do próprio ser dominava na interioridade de Jesus. Todos esses elementos ecoam nos últimos capítulos do discurso da Última Ceia. A oração final sintetiza o conteúdo luminoso e misterioso do contínuo nexos consciente entre Jesus e o Pai" (Cf. Jo. 17, 10b).⁴⁰¹

Na oração, e este é o ponto, a existência humana ressurge e adquire consistência. É o que o próprio Jesus ensinou. Ou seja, perceber a própria dependência original não significa simplesmente consciência de um passado, do gesto que nos criou. Pelo contrário, a dependência do homem é contínua, em cada instante, em todos os detalhes da nossa ação. Cada fragmento da nossa existência tem sua origem total no mistério do Ser. Deus é o nosso verdadeiro Pai, o Pai da contínua geração que é a nossa existência. Justamente por isso que Cristo pode afirmar "eu e o pai somos um" (cf. Jo. 10, 3) e que pode afirmar também "sem mim nada podeis fazer" (Jo. 15, 5b). Assim constatamos que o homem não só "antes não existia", mas também não existiria se dependesse de si; o homem não se faz por si mesmo a cada momento.

³⁹⁹GIUSSANI, L., *ibidem*.

⁴⁰⁰"A oração, com efeito, é a primeira expressão da comunhão. É o primeiro fruto de uma vida de comunidade autenticamente vivida. Não se identifica com ela apenas a ação explícita que se expressa na recitação comunitária dos salmos ou na oração pessoal. Oração é a expressão da dependência de um Outro, que todo homem razoável e realista percebe... trata-se de uma exigência implicada na nossa natureza pedir a perfeição e a felicidade... Exatamente porque a trama das nossas ações constitui o caminho que tentamos seguir rumo à felicidade, a oração, redespertando a percepção do verdadeiro caminho para essa felicidade, deve tender a se tornar uma dimensão constante do homem em ação. 'É preciso rezar sempre', disse Jesus". Cf. GIUSSANI, L., "*Appunti di método Cristiano*". In: *Il cammino al vero è un'esperienza*, Turim, SEI, 1995, p.115.

⁴⁰¹GIUSSANI, *ibidem*, p. 127.

"Se a consciência é a transparência daquilo que o homem é, a consciência de si leva-o à conclusão de que o homem é feito a cada momento por um Outro, que o seu eu é um Outro que o faz. Indo sempre avante na análise de si mesmo, o homem deveria chegar de novo a esta conclusão: a vida é pura dependência de um outro" (Cf. também: Lc. 12, 25-26.30).⁴⁰²

Assim sendo, a vida se exprime como consciência da relação com quem a criou, e a oração é a percepção de que 'neste' momento da vida ("é feita"). O maravilhamento devoto, respeito, reverência, submissão amorosa neste gesto de consciência, é a alma da oração. A realidade como fascínio é o primeiro grau dessa atitude mística, que é a mais natural do homem, o aspecto mais elementar da nossa consciência. Na descoberta do Ser de Deus como amor que se doa continuamente e presente em nós, a solidão é eliminada. A existência se realiza substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, companheiro inseparável. A verdadeira companhia está no eu, não há nada que façamos apenas por nós, sozinhos. Toda amizade humana é reflexo da estrutura original do ser e cada vez que isso é negado sua verdade está sob ameaça. Em Jesus, o Emanuel, a familiaridade e o diálogo com Aquele que nos cria, 'a cada instante' torna-se não só transparência que ilumina, mas também companhia histórica.

O homem se distingue das outras criaturas enquanto é consciente daquilo que vive; essa consciência não é completa se não se aprofunda indo até o fundamento que origina a vida. Assim, a oração não é um gesto à parte, mas realiza a primeira dimensão de todas as ações. O ato da oração será necessário para exercitar a consciência de todas as ações. Por isso o vértice mais alto da oração não é o êxtase, ou seja, uma tal consciência do fundamento que a pessoa perde o senso do habitual, mas será antes ver o fundamento como se vêem as coisas habituais. Afirma Pe.Giussani: "Como isso se traduz existencialmente? O ideal assinalado por Jesus pode se traduzir existencialmente desta forma: 'reza o mais que podes'. É a fórmula da consciência diante do ideal, é a fórmula da liberdade humana em sua caminhada".⁴⁰³

⁴⁰²Ibid, ibidem, p.129.

⁴⁰³Ibid, p.130-131.

É ainda necessário dizer que a mais alta expressão da oração não é o êxtase, mas o pedido. Portanto, a expressão original da existência humana é pedir. Aí está toda a dignidade da consciência e do afeto (Cf. Jo. 4, 34; 17, 1. 2b-3.24). Por isso vemos sempre nos Evangelhos, figuras de pessoas mendigando. Por isso o franciscanismo é ainda um movimento espiritual dos mais marcantes na Igreja. "Mas o Filho do Homem, quando voltar, encontrará fé sobre a terra?" (Cf. Lc. 18,8s). Diante dessa terrível pergunta de Jesus que define a sua dor diante do mundo; obscurecendo aquilo que a oração dá consistência, ou seja, a consciência da sua total dependência e do seu inevitável estado de pedinte, o homem perde a si mesmo, recusa à salvação e negligencia o seu "eu" perdendo-se numa "ilusão de autonomia" .

A evidente dependência última e total só pode traduzir-se existencialmente sob a forma de pedido: "Aquele que nos faz, faz-nos vida (...). Perceber Aquele que nos faz coincide com o pedido de que nos faça a vida. Nós somos feitos como simpatia e sede de vida" .

Se a grande consciência que aqui falei não se traduz em pedido, não é verdadeira consciência. A oração é só pedir, pedir a partir de qualquer coisa (do perdão à entrega de si). O fenômeno da nossa necessidade, qualquer que seja, nos recorda essa dependência, é uma provocação para aprofundar a consciência de dependência que temos de Deus. Parece óbvio dizer isso, mas Jesus não desconsidera nenhum pedido. Não podemos tomar isso por óbvio ou simplesmente desacreditar. 'Jesus não desconsidera nenhum pedido'. Por isso, é justo pedir qualquer coisa, mas com a cláusula implícita que foi também a de Jesus no Getsêmani: "não a minha vontade, mas a tua seja feita" (Cf. Lc. 22,42). "A sua vontade, de fato, significa a minha realização, a felicidade suprema, em função da qual cada pedido é feito. Como minha origem está nas suas mãos, também o meu fim está nas suas mãos".

Assim como nossa existência é consciência de um Outro e dependência deste Outro, para Pe. Giussani a lei da vida é doar-se, é servir o todo do qual fazemos parte.⁴⁰⁴ Se o homem, por um lado,

⁴⁰⁴Lembro aqui a lapidar frase de São João Bosco (1815-1888): "O Senhor colocou-nos nesta vida para servir, para o outro". Cf. Auffray, A., S.O.B., "**Dom Bosco**", 4ª. Edição Editorial D.

enquanto ser (pessoa) é maior que o mundo, enquanto existente (dynamismo vivo) é parte do cosmos. Por isso mesmo, a meta de seu agir, se em última análise é a sua realização, a sua felicidade, imediatamente, porém, é servir o todo do qual faz parte. Enquanto parte do mundo, o homem deve servi-lo, mesmo que todo o universo tenha a finalidade de ajudá-lo a atingir melhor a sua felicidade. É importantíssimo olharmos para Cristo, que anunciando seu destino de glória através da cruz, poucos dias antes de morrer, mostrou a imagem mais impressionante do seu destino:

"Chegou a hora em que o Filho do Homem será glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo caído na terra não morrer, ficará sozinho; mas, se morrer, produzirá muito fruto... Se alguém quer me servir, siga-me, e onde eu estou estará também o meu servo. Se Alguém me serve, o meu Pai o Honrará" (Jo. 12,23-26).

A existência humana se desenvolve no serviço ao mundo; o homem realiza a si mesmo entregando-se, sacrificando-se.⁴⁰⁵ Afirma Pe. Giussani: "A existência humana é um consumir-se 'por' alguma coisa". Mas qual é a natureza desse consumir-se? No Mistério da Santíssima Trindade, a substância do ser nos é revelada como um relacionamento, como um dom. Esta é a grandeza do homem: assim como para o Ser que o criou, a sua vida deve ser também para ele um dom a ser feito: ele é semelhante a Deus. Assim, o seu consumir-se deve tornar-se dádiva. A lei da existência humana é o amor na sua realidade dinâmica, que é a oferta, dom de si. E a instintividade é o que encontramos em nós, o que determina, atrai, estimula. É justamente através disso que o homem é introduzido no serviço à realidade. O homem, ao contrário dos demais animais e das outras coisas, tem consciência da relação entre o seu instinto emergente e o todo, isto é, a ordem das coisas criadas. Ordenar o instinto ao Todo, é o dom fundamental de si a realidade. É o que chamamos de dever, cuja essência só pode ser o amor, ou seja, a

Bosco, São Paulo, 1969, p.131.

⁴⁰⁵O melhor comentário a esse princípio cristão são as palavras de Anne Vercors diante do cadáver da filha Violaine, na peça O anúncio feito a Maria, de Paul Claudel: "Será que o fim da vida é viver? Estarão os filhos de Deus pregados a essa terra miserável? O fim não é viver, mas morrer! (...) e dar, sorrindo, o que temos! Eis a alegria, eis a liberdade, eis a graça, eis a mocidade eterna! (...) Que vale o mundo ao lado da vida? E que vale a vida, senão para ser dada?". Claudel, P. "**O anúncio feito a Maria**", Tradução de Dom Marcos Barbosa O.S.B., Rio de Janeiro, Agir, 1968, p.145-146.

entrega de si.⁴⁰⁶

Porém, o homem é incapaz 'de viver completamente a grande dependência d'Aquele que é a sua verdade e a sua projeção na vida, como dom, amor e serviço. O homem tem a consciência obscurecida e uma vontade irremediavelmente enfiada ao conceber o dever da oração. Vive um estranho egocentrismo, pelo qual, com o passar do tempo, procura ordenar tudo a si mesmo em vez de ordenar-se ao tudo; tenta prender-se em vez de se dar, tenta explorar em vez de amar (Cf. Rm. 7, 24). A Tradição Cristã chama isso "pecado original": a pessoa não tem energia suficiente para se realizar a si mesma. Quanto mais um homem é sensível e consciente, isto é, quanto mais ele pode ser homem, mais percebe que não consegue sê-lo. O grito com o qual São Paulo na 'Carta aos Romanos' conclui essa constatação é exatamente a pergunta humana para qual Jesus Cristo é a resposta.

Jesus nos ensinou que quem aceita a sua mensagem de salvação não poderá deixar de enfrentar o problema da sinceridade consigo mesmo, não poderá eximir-se desse realismo ao considerar o homem. "Não podemos ser nós mesmos sozinhos, por nossos próprios esforços. A companhia, aquela que depois se chamará comunidade cristã, é essencial para o seu caminho".⁴⁰⁷ O homem não pode realizar-se a si mesmo a não ser aceitando o amor de um Outro, de um Outro com nome preciso, que, independente de sua vontade, morreu por ele: "ninguém tem um amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Cf. Jo. 15,13). Ele disse de si mesmo: "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo. 11, 25a). Essa redenção não se dá automaticamente. É essencial aceitar a ajuda que Cristo nos ofereceu e com ela colaborar ativamente. Isso acontece através de um exercício de amor verdadeiro. A liberdade de Cristo enquanto homem (Cf. Jo. 10,17-18a) deve encontrar uma correspondência na liberdade do homem que continuamente o aceita (Cf. Jo. 3,19; 5,40). Sintetizando, "a *liberdade* é a capacidade que o ser consciente tem de realizar completamente a si mesmo".⁴⁰⁸ Essa é a

⁴⁰⁶GIUSSANI, L., OPC..., op., cit., p.135.

⁴⁰⁷Ibid, Ibidem, p.138.

⁴⁰⁸Ibid, p. 140.

máxima da lei da vida que aprendemos com o Cristo: sermos um dom, conscientes de nossa pertença, livres para amar e servir. Contudo, podem existir realidades que pareçam psicologicamente mais atraentes à consciência livre do que outras ontologicamente mais próximas à finalidade. Assim, o homem sente-se em "tentação": mais atraído por aquilo que está longe de seu interesse final e que por isso o coloca em contradição consigo mesmo. Se não resiste à tentação, a sua escolha é a do "mal". Normalmente, o homem não pode resistir sozinho por longo tempo à tentação. Jesus Cristo é o ser que lhe dá continuamente o poder de escolher o bem, isto é, de ser livre (isto é a mais genuína ontologia – cf. Jo. 8,31-32).

A concepção da vida humana em Jesus Cristo é, portanto, essencialmente uma tensão, uma luta ("eu não vim trazer paz..., mas a espada" – Cf. Mt. 10, 43b); é um caminho, uma busca – busca da própria realização, isto é, do verdadeiro "si mesmo". Não há nada de mais anticristão do que conceber a vida como algo cômodo e satisfeito, como uma possível felicidade contingente.⁴⁰⁹ Reconhecer e seguir Cristo (fé) gera assim uma atitude existencial característica, pela qual o homem é um caminhante ereto e incansável rumo a uma meta ainda não alcançada, certo do futuro, porque completamente apoiado na Sua presença (esperança); no abandono e na adesão a Jesus Cristo floresce uma afeição nova para com tudo (caridade) que gera uma experiência de paz, a experiência fundamental do homem a caminho.

4.3

A Experiência Cristã: Fermento e Início de uma Nova Sociedade

É interessante apresentar como ponto conclusivo deste trabalho que a originalidade, a abordagem positiva e realista que Pe. Giussani faz sobre os fundamentos de uma sociedade: seu ponto de partida é a experiência da pessoa e da sociedade. Trata-se assim de uma atenção ao "eu", em todos os seus fatores constitutivos, e ao seu desenvolvimento na forma que lhe própria, a sociedade, onde ele pode realizar-se em toda

⁴⁰⁹Ibid, 142.

a sua dignidade ou perder-se. É estar diante de uma atenção profunda às exigências da pessoa humana em todo o seu aspecto: às suas perguntas, às suas respostas, à aventura da convivência social e da construção do bem comum, no qual diferentes identidades culturais e religiosas possam ser valorizadas segundo um efetivo pluralismo.

Quando, porém, Giussani fala em "paixão pelo humano"⁴¹⁰, não se refere ao 'humano' abstrato, que não existe; ele se refere à paixão pela nossa vida concreta, pela felicidade de cada um de nós. O "eu" é algo irreduzível seja à sociedade, seja ao Estado, seja a qualquer outra coisa. O indivíduo é concretamente 'desejo infinito' porque é exigência de amar plenamente e, ao mesmo tempo, de ser plenamente abraçado. É muito significativa o que ele chama de 'formação histórica da perplexidade moderna em reconhecer uma religiosidade da vida'.⁴¹¹ Na sociedade, o Estado, que é uma das formas em que o poder se encarna, e este tem a tarefa de defender o "eu", os desejos e as perguntas do coração da pessoa humana. Não tem a pretensão ao desejo do homem porque não é ele que decide sobre o valor de cada homem e das agregações humanas: na sociedade o Estado deve ser um 'fermento', ou seja, deve oferecer condições materiais, sociais, educativas para que o indivíduo possa crescer. De fato, porém, isso não acontece – porque o "eu" do indivíduo é ignorado nas suas exigências constitutivas e últimas. Fala-se muito em cidadania e mercado do trabalho, deixando no mais profundo ceticismo a questão do valor da pessoa, ou seja, da sua humanidade, das suas exigências e perguntas, deixando de dar a ela elementos para dar um significado pleno e mais profundo de sua vida.

Uma denúncia: um certo poder cultural (laicismo), antes de ser político, ataca não apenas a resposta cristã às perguntas fundamentais da vida, mas tenta destruir a própria pergunta, tenta destruir o próprio coração do homem, nivelando por baixo seus desejos de verdade, de justiça e de felicidade. Exaltam-se certos valores morais e sociais segundo as modas do momento e nega-se a possibilidade da real

⁴¹⁰Cf. GIUSSANI, L., *"o Eu, o Poder, as Obras – Contribuição de uma experiência"*, Cidade Nova, São Paulo, 2001.

⁴¹¹Cf. *Ibid.*, *"O Senso de Deus no Homem Moderno"*, op., cit., p.87s.

realização da pessoa na sua verdade e no seu destino. Nega-se, de fato, a possibilidade de um destino último e pleno, ao qual tende o desejo humano. No achatamento do "desejo" em tantos desejos 'imediatos', determinados pela máquina de consumo, reside o 'desnorteamiento' dos jovens e o 'cinismo' dos adultos. Assim, o poder da comunicação torna-se instrumento para a indução cruel de determinados desejos e para a supressão de outros, esvaziando o real significado da vida – entre estes o desejo do absoluto, da justiça, da solidariedade.

Pe. Giussani felizmente move-se em direção contrária: ao Estado e ao poder cabem o reconhecimento e o respeito pela natureza das coisas e, em primeiro lugar, do "eu", oferecendo as condições materiais e estruturais para que as pessoas e grupos sociais possam desenvolver-se de forma plena e harmônica. A Idade Média, com as suas culturas (vista sem preconceitos e sem o crivo negativo de uma ideologia), mas também com todos os seus limites, rudezas e contradições, nos ensina ainda hoje, pois:

"Favorecia a formação de uma mentalidade marcada por uma religiosidade autêntica determinada por uma imagem de Deus como horizonte abrangente de toda e qualquer ação humana, por uma concepção de Deus como pertinente a todos os aspectos da vida, que está por debaixo de toda a experiência humana sem exceção; portanto como ideal unificante. (...) Não deve ser considerada mais interessante do que outras épocas pelo fato de nela todos terem sido, talvez, mais devotos, ou capazes de se comportar de modo moralmente menos reprovável, mas por causa de uma mentalidade unitária (...) uma facilidade para os homens de se aperceberem do fato de que a religiosidade coincide com o interesse que o homem tem pelo significado de toda a sua vida, de se aperceberem de toda a realidade de Deus como origem da própria personalidade humana e como determinante do seu evoluir (...) Enfocar a existência dessa mentalidade na Idade Média é também, portanto, o ponto de vista pelo qual se pode dar a razão dos contrastes de uma época (...) porque tem presente os dois elementos antinômicos: a educação da alma, que a Igreja assegurava, e a maior rudeza de um momento histórico em que os valores daquela educação podiam ficar como que não desenvolvidos".⁴¹²

Não se propõe aqui de forma alguma um retorno à cristandade, mas uma mentalidade na qual Deus tem a ver com tudo, mesmo num complexo contexto social naquele período. Claro que existiam as contradições graves naquele contexto, antinomias dramáticas: uma religiosidade que é anúncio de paz (franciscanismo) e ao mesmo tempo a

⁴¹²GIUSSANI, L., *"Por que a Igreja? ..."*, op., cit., p. 56.58.

religião aplicada à guerra (cruzadas); a exaltação do irmão homem como liberdade perante o infinito e a tentativa de dobrar-lhe à vontade com a violência (Inquisição); no entanto, cabe lembrar também que isso aconteceu na cultura moderna e igualmente acontece na pós-modernidade em uma escala com muito maior precedência (revolução francesa, guerras do século XIX, 1ª. e 2ª. Guerra Mundial, o extermínio dos judeus e de outras minorias, os genocídios 'ideológicos' da extinta União Soviética e da China, Cuba, a Guerra Fria e demais guerras em sua decorrência, a dramática 'Crise dos mísseis' em 1961, o problema da ecologia e suas conseqüências ao eco-sistema global, o narcotráfico, a máfia internacional, o contrabando e o terrorismo...). Contudo, devemos discernir – isso sim – de onde deriva estes aspectos.⁴¹³ O dado é que na época da cultura medieval, mesmo diante de divisões fratricidas que ensangüentavam regiões e cidades surgia o símbolo encarnado da unidade fraterna entre todos os homens, iguais perante o ideal infinito e último, símbolo de unidade na pluralidade, pelo qual todos se sentiam julgados e o qual todos, no fundo, desejavam ardentemente: é o insuperável e legítimo símbolo da unidade, fraternidade e igualdade, oferecido naquela cultura pelo milagre da catedral medieval, para a qual todos confluíam, amigos e inimigos, próximos e distantes (a 'Cidade de Deus' em comunhão com a 'Cidade dos Homens'), local onde os homens se encontravam e reconheciam sua dignidade e sua pertença.⁴¹⁴ A existência de uma difusa mentalidade religiosa, mesmo que a compreensão ainda fosse rude, ou seja, não adequada, àquela sociedade medieval, ela dava aos indivíduos a educação necessária para possuir

⁴¹³Antecipando o desconcerto contemporâneo perante a organicidade complexa de uma vida social que, pelos modos de vida e âmbitos formadores de uma mentalidade, pode-se chamar uma civilização cristã – o que o historiador inglês **Christopher Dawson** ressalta: “perguntar-se-á: a idéia de um retorno á civilização cristã não é inconciliável com as condições do mundo moderno, que hoje são aceitas tanto pelos cristãos quanto pelos leigos? Por certo não pode ser um à retorno ao velho regime da aliança entre a Igreja e Estado ou do governo eclesiástico da sociedade. Mas não significa que possamos permitir o ideal de uma civilização cristã (...) O reino de Deus é um reino universal: não há aspecto da vida humana que se encontre fora dele ou que de qualquer modo não lhe seja tributário. É da natureza do cristianismo ser um movimento transformador do mundo”. Cf. Dawson, C., **“cristianesimo e civiltà”**, in **Religione e cristianesimo nella storia della civiltà**, Roma, Edizioni Paoline, 1984, p.218.

⁴¹⁴Um dos aspectos mais característicos da vida medieval era a maneira com que esta combinava as atividades profanas e religiosas no mesmo complexo social (...) a vida da comuna medieval encontrava a sua mais complexa expressão na vida da Igreja e no prolongamento da liturgia, que permeavam também as manifestações da vida comum (manifestações populares)”. Cf. Dawson, C., **“Il cristianesimo e la formazione della civiltà occidentale”**, Milão, BUR, 1997, p.224.

familiarmente um critério, possuído e assimilado (podia ser aplicado bem, mas também mal, podia ser a origem da criatividade, mas também de atitudes que para nós homens do século XXI, é fácil considerar iníquas, como as guerras ou certos sistemas violentos). Mas é importante dizer que se determinadas aplicações da chamada 'cristandade' podiam ser fruto de um certo nível de civilização ou da distorção de uma liberdade pessoal. O importante para Giussani é a uma idéia viva e verdadeira de Deus – que trás ao homem o sentido pleno de sua vida.

A unidade entre as várias experiências culturais que compõem a sociedade plural atual se dá quando a todas é dada a possibilidade de desenvolverem-se. A democracia é a sadia convivência de uma pluralidade de respostas que os homens admitem sobre as exigências e as perguntas fundamentais da pessoa e da sociedade. "A unidade pelo contrário, só pode ser construída sobre as respostas às próprias perguntas, às próprias exigências; e esse é o esforço, a dialética, o diálogo, a colaboração da convivência realmente democrática, verdadeiramente leiga".⁴¹⁵

A vida democrática é um encontro entre as várias respostas num contexto plural, e basear a convivência somente nas perguntas e exigências que correspondam a um critério que ele, como instrumento de poder, define é importantíssimo para uma sociedade nova. Assim exaltam-se e absolutizam-se certas exigências e ignoram-se outras, impondo uma 'mentalidade cética e niilista', de um lado (porque indiferente à questão do sentido) e 'moralista', de outro, porque em todas as coisas se promovem a 'bandeira da ética'. Uma ética sem um fundamento último.

A proposta de Pe. Giussani, enfim, é clara, dentro desta grande convivência que é o Estado: favorecer a todos a possibilidade de descobrir, aprofundar e viver plenamente a resposta às próprias exigências e perguntas, comparando-a e convivendo com outros que partem de outra resposta, mas sempre de uma resposta. Trata-se de uma paixão pela experiência cultural⁴¹⁶, religiosa e política, que alimenta um

⁴¹⁵Ibid, "*o Eu, o Poder, as Obras ...*" op., cit, p.26.

⁴¹⁶Deixo como referência para um estudo sobre a paixão pela experiência cultural plural o

respeito pelos outros e a valorização do positivo que nos outros se encontra.

No trabalho, o homem coloca sua energia na transformação da realidade, para responder às exigências de seu cotidiano, carregando no olhar o amor que o move no relacionamento com sua família e todas as coisas. A grandeza do homem está no fato de que ele é relação com o Mistério Infinito (Deus). Mas aconteceu que o grande amor da vida de todos os homens não ficou escondido, mostrou o seu rosto e sua presença entre nós. Revelou-se: Cristo. Assim, para nosso autor, é o amor a Cristo é o que torna a pessoa capaz de trabalhar. Trabalhar com seriedade, com liberdade. É totalmente diferente uma pessoa ir ao trabalho por amor a Cristo, trabalhar fazendo memória de Cristo.

"Com uma atenção para com a totalidade e uma firmeza em cumprir todos os pormenores, uma paciência no correr do tempo, por essa razão, um respeito pelo tempo necessário (u.) a relação com Cristo determina a verdade do trabalho: de qualquer trabalho. O trabalho é a expressão do ser humano que usa, manipula tudo que está ao seu redor (u.) tudo é trabalho porque é expressão do eu, quando essa expressão do eu é vivida em memória de Cristo, então tudo se torna diferente, tudo está destinado a se tornar diferente".⁴¹⁷

Partindo do seu senso religioso, enquanto atenção à verdade constitutiva do seu "eu", cria-se um 'movimento' entre os homens desejosos de mudar a sociedade – como respostas às necessidades concretas das pessoas e das agregações sociais. A primeira grande obra para o início de uma sociedade nova é o aprofundamento dessa mentalidade e não na criação de estruturas e iniciativas de meros assistencialismos sociais. O senso religioso adequadamente desenvolvido cria uma sensibilidade nova aos problemas concretos e ao ambiente onde a pessoa vive. A primeira grande obra para uma sociedade nova é um "eu" diferente ('Homem novo' – segundo o Evangelho de São João capítulo terceiro) que se une a outras pessoas num movimento comum de solidariedade e de busca das respostas mais humanas e justas aos

texto intitulado: *"Inculturação da Fé – uma abordagem teológica"* (coleção *Theológica* nº. 3) do teólogo Mario de França Miranda, SJ, Ed. Loyola, São Paulo, 2001.

⁴¹⁷GIUSSANI, L, OPC, op., cit., pp. 78-79.

desafios da realidade. A inteligência e as energias são mobilizadas na perspectivas de responder às necessidades que a situação, na qual se trabalha, coloca e não gira em torno do egoísmo e da ganância "filhos" do mistério da iniquidade e que gera opressão. A auto-suficiência do homem faz de si o critério último, separação de Deus: erro possível para todos os homens em todas as épocas, mas agora em nosso tempo este erro tomou uma proporção que pode influir e está influenciando na mentalidade de todos. No homem da modernidade vigora a tentação de sempre, mas a nossa época é dominada por critérios, temas, preocupações que censuram a sensibilidade religiosa autêntica. Deus está confinado ao lugar do culto ou à sacristia, é aquele 'Deus inútil' da antiga tentação e o homem que cede a ela é tragicamente reduzido nas suas possibilidades. Essa mentalidade, fruto de uma longa desagregação, que chegou a inspirar sociedades inteiras em todas as suas formas, especialmente nos centros educativos (escolas, universidades, centros de cultura), chama-se 'laicismo' e isso é implicitamente um 'ateísmo', pois um Deus ao qual algo escape não é Deus, é alguém ou alguma coisa que podemos substituir facilmente e 'ateísmo' é: vida sem Deus é a postura teórica e prática mais conseqüente do 'laicismo'. Um Deus que aceite ficar à parte dos acontecimentos humanos, não é o 'Deus da mensagem cristã, que veio para se tornar companhia para o homem'. Falando sobre a identidade da Igreja e do cristão, afirma o teólogo Mario de França Miranda SJ:

"A verdade revelada se desvela pela contemplação, pela experiência, pela pregação dos pastores, de tal modo que 'a Igreja, no decorrer dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina' (Cf. DV. 8). (...) A identidade da Igreja deve ser buscada na pessoa e na obra de Jesus Cristo e, mais precisamente, naquilo que constitui a razão de ser de sua vida: a proclamação e a realização do reino de Deus. Tal como afirma o Vaticano II (Cf. LG. 5). A Igreja assumindo a existência qualificada de seu fundador expressa, visibiliza e proclama para o mundo o reino de Deus, celebrando-o nos sacramentos, sobretudo da eucaristia. Daí afirmar o mesmo Concílio que a Igreja só cumprirá seu sentido último de (...) 'luz do mundo' e de 'sal da terra' enquanto viver profundamente a vida cristã (Cf. AG. 36). Deste ponto depende a sua credibilidade na sociedade humana".⁴¹⁸

Também afirma Pe. Luigi Giussani:

"Se o mundo e a existência do homem são um campo no qual o homem é

⁴¹⁸Cf. França Miranda SJ., M., in *"Perspectiva Teológica"*, nº. 37, 2005, pp.31-54 (p. 51).

integralmente senhor de si mesmo e por si mesmo é capaz de obter todas as soluções dos seus problemas e necessidades, afirma-se de maneira peremptória a redução do sentido da vida e da realidade àquilo que o homem cria ou pensa criar. (...) Se é aplicado, mesmo que de forma parcial, o princípio da separação da experiência religiosa da experiência da vida, qualquer que seja o aspecto dela a que se refira, consuma-se aquela redução, porque chegará a ignorar um nexo da existência com quem faz ser a existência".⁴¹⁹

Deus se é Deus, está dentro da vida toda, é a vida – que Cristo diz ser Ele (Caminho, Verdade e a Vida), o seu significado pleno, sua realização plena. "Para o cristão que saiba olhar nada há no mundo que não se revele Deus. Tudo no mundo é capaz de conduzir a Deus".⁴²⁰

No trabalho quotidiano, torna-se possível uma amizade e uma convivência operativa e pacífica que são uma grande ajuda na construção de uma sociedade mais justa e de um destino comum. As obras educativas, sociais, econômicas constituem a manifestação dessa novidade já presente no trabalho e na vida quotidiana, acolhendo também o inevitável sacrifício diante de uma realidade referida e injustamente dilacerada. Deus tomou-se um de nós abraçando todas as contradições e condições de nosso caminho, inclusive o esforço e a cruz. Mas essa cruz carrega para nós a flor da esperança. As obras manifestam o realismo e a criatividade do senso religioso e da fé. A suprema característica deste tipo de obra é a 'gratuidade'. Elas participam da gratuidade suprema com que o Mistério feito carne nos ama.⁴²¹ Seria um bem para todos uma sociedade guiada a valorizar as obras das pessoas e dos grupos sociais, para responder às imensas exigências de grande parte da população, segundo os princípios de solidariedade e subsidiariedade.

Dentro de uma unidade cósmica e restauradora de nossa dignidade, devemos dizer pedir mais sociedade e menos Estado, mais criação a partir da base, sem hostilizar o Estado, mas indicar ao Estado o horizonte último da sua atividade, que é colaborar para que o homem caminhe rumo ao seu destino. Esse deve ser o desafio da Igreja, significado primeiro

⁴¹⁹GIUSSANI, L., Ibidem, p.106.

⁴²⁰De Lubac, H., "*Il pensiero religioso di padre Teilhard de Chardin*", Milão, Jaca Book, 1983, p.34.

⁴²¹"E o amor é o apego cheio de admiração, talvez surpreso, entusiasta, a um nexo entre aquilo que fazemos e um projeto maior. O amor é por um tu, o amor é por uma pessoa; o amor é por um Tu único e último pelo qual vibram e vivem todos os homens. O amor é por Deus, pelo deus vivo, pelo Deus que se fez homem que trabalhou com as suas mãos: Cristo. É o amor a Cristo". Cf. Ibid, ibidem, p.150.

dela, sentido pleno da vida humana.⁴²²

⁴²²“O Cardeal Biffi chamou-nos atenção sobre a quase coincidência desta palavra de Santo Ambrósio com a fundação de Comunhão e Libertação. *Colocando* a liberdade em relevo como dom próprio da fé, também nos disse que a liberdade, para ser uma verdadeira liberdade humana, uma liberdade na verdade, necessita de comunhão. Uma liberdade isolada, uma liberdade só para o eu, seria uma mentira e destruiria a comunhão humana. A liberdade para ser verdadeira, portanto, para ser também eficiente, tem necessidade da comunhão, e não de uma comunhão qualquer, mas em última instância da comunhão com a própria verdade, com o amor mesmo, com Cristo, com Deus trinitário. Assim se constrói a comunidade, que cria a liberdade e *doa* a alegria”. Cf. Ratzinger, J., **"Homilia no Funeral de Luigi Giussani"**, in **Passos**, nº. 59, 2005, p.9.